

EDITORIAL

A CRÍTICA

Durante o jantar de confraternização entre Espinhenses e Sanjoanenses que se realizou no Hotel Praiagolfe no passado Sábado, ouvimos o Senhor Presidente da Câmara de S. João da Madeira afirmar que tinha o mais profundo respeito pela crítica, que tinha perfeita consciência de toda a sua utilidade e que até a crítica maldosa lhe merecia consideração, por ter sempre um fundo de aparência que exigia dele a maior atenção e o maior cuidado.

No mundo em que vivemos as palavras apresentam-se despidas de conteúdo. É fácil empregá-las, utilizar em cada momento as que mais convêm e encontrar no momento seguinte maneira de demonstrar que não foram compreendidas pelos destinatários com o sentido que quis dar-lhes o declarante. Em política, então, o artifício constitui lugar comum, que já não surpreende e que obriga as pessoas de «um só rosto e uma só fé» a uma posição de incredulidade estática, para se não deixarem arrastar por palavras que depois passam por não ter percebido.

Mas as palavras que ouvimos estão certas — certas com o sentido que lhes pode ser dado por um declaratório normal.

O homem público não pode sê-lo sem admitir a crítica dos seus actos. Será

inteligente, encontrará as melhores soluções, tratará de pô-las em prática com incedível agilidade, mas fará sua a coisa pública, seus os interesses de todos, e, quando der por ela, será um homem isolado de tudo e de todos, um homem que se satisfiz sem satisfazer os outros com quem tem que viver e sem os quais não sobreviverá. Por outro lado e porque nenhum homem é infalível, o vazio criado à volta do génio — e vazio faz-se com o silêncio e com a rotina da concordância impensada ou calculadamente mecanizada — o pretense super-homem não consegue aperceber-se dos seus próprios erros e afunda-se irremediavelmente.

Sem crítica ninguém pode ter a certeza de estar a seguir o melhor caminho. E, como disse o Senhor Presidente da Câmara de S. João da Madeira, até a crítica maldosa merece ou deve merecer a atenção do homem público, para a destruir se nada tiver por onde se lhe pegue e para desfazer ou corrigir as aparências com que se enroupe, para evitar todos os mal-entendidos.

Não basta que a mulher de César seja séria. É também preciso que aparente sê-lo.

AMADEU MORAIS

A VISITA DO MINISTRO DA JUSTIÇA

No passado sábado, pelas dezoito horas, acompanhado pelo Senhor Governador Civil, veio a Espinho Sua Excelência o Senhor Ministro da Justiça, a fim de tomar conhecimento directo do local onde será edificada a Casa da Justiça espinhense.

Foram ambos recebidos, à entrada da Câmara Municipal, pelos Senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Vereação, Conselheiro Mário Valente Leal, Corregedor do Circulo Judicial, Juiz e Delegado do Procurador da República do Tribunal de Espinho, Conservadora do Registo Civil e Predial, Notária, funcionários judiciais, Arquitecto Jerónimo Reis e outras individualidades.

O Senhor Ministro percorreu as instalações provisórias do Tribunal, mostrando-se visivelmente satisfeito por tudo o que viu, declarando publicamente que, embora acanhadas, as instalações se apresentavam com requinte e dignidade difíceis de encontrar e que lhe agradavam absolutamente.

Em seguida, no Salão Nobre da Câmara Municipal, foram indicadas pelo Senhor Presidente da Câmara as hipóteses possíveis de aproveitamento de terrenos onde fique localizado o Palácio da Justiça, defendendo a Câmara, e muito bem, a posição de o Palácio

vir a ser construído nos terrenos confinantes com o Parque João de Deus, na Rua 23, terrenos que terão de ser expropriados, de modo a fazer um quarteirão, compreendido entre as Ruas 20, 25, 23 e os terrenos da C.P. Os outros terrenos possíveis seriam o do Palacete da Pena, os situados a nascente da primitiva Feira, entre as Ruas 19, 26, 21 e 28 e o terreno destinado a Escolas, situado a nascente da Igreja Matriz, na Rua 20 e o quarteirão a sul da mesma Igreja.

O Senhor Ministro acentuou repetidamente a necessidade de se adoptar a solução que mais rapidamente conduzisse ao início das obras, incumbindo logo a Câmara de apresentar as soluções desejáveis e o Senhor Arquitecto Jerónimo Reis de fazer os estudos e o projecto do novo Palácio da Justiça.

Defesa de Espinho esteve presente, representada pelo seu Director. E, embora colhida de surpresa quanto às soluções apresentadas pela Câmara, não tem dúvidas em perfilhar a solução por ela defendida, por entender que tal solução imprimirá ao conjunto Câmara, Parque e Palácio de Justiça a monumentalidade que o futuro da cidade exige.

(Continua na pág. 2)



GAIVOTA

A pureza e a
poluição.

Um bater de asas
brancas e o cano de
esgoto a escorrer
brilhantes...

A luz iluminou
os símbolos.

A verdade chama
a luz diferente e
obriga a pensar
num dos maiores
problemas de hoje:
A POLUIÇÃO

Foto de

ANTÓNIO R. FONSECA

PORTO

FIM DE SEMANA

— 20

Fechando a análise das carências de Espinho — viradas na generalidade aos interesses turísticos da cidade —, recordamos que em crónica muito anterior fomos de parecer que Espinho hoje tem uma expansão económica própria tal que pode dispensar o turismo para se afirmar como cidade que é; mas então também exprimimos a ideia, que agora sustentamos, de que, tendo Espinho iniciado o ciclo da sua vida como «praia de banhos», e tendo começado por firmar-se como praia, não deve desprezar a promoção turística que, sem dúvida, aumenta a explosão de força natural que a projecta numa realidade económica e humana cada vez maior.

Já lá vai o tempo em que certos estabelecimentos comerciais (muitos, filiais de estabelecimentos do Porto, e nem sequer propriedade de espinhenses) só abriam no verão; nesse Espinho antigo precisava-se de todos, mesmo dos que sem amor à terra senão que ao seu dinheiro, vinham aqui fazer a «safa»; eram, no entanto bem-vindos, porque Espinho não tinha potencialidade económica para satisfazer os «banhistas», de cuja permanência temporária em grande parte vivia. Mas convirá não deixar perder a sua tradição de estância de turismo que a tornou conhecida.

As carências por nós apontadas e outras por várias penas denunciadas neste jornal, se não forem corrigidas, podem pôr em perigo o futuro turístico da cidade, a sua tradição de praia. Disso dá conta o inquérito feito por este jornal junto de veraneantes e frequentadores do parque de campismo, e ainda o que ouvimos a amigos e conhecidos, alguns chegando a pôr em

(Continua na pág. 2)

A VISITA DO MINISTRO DA JUSTIÇA

(Continuação da pág. 1)

A visita seguiu-se um jantar no Hotel Praiagolfe, a que estiveram presentes o Senhor Conselheiro Mário Leal, os Corregedores dos Círculos Judiciais da Feira e Oliveira de Azeméis, o Juiz de S. João da Madeira, o delegado da mesma comarca, o delegado da comarca de Espinho, notários e Conservadores das duas comarcas, os Presidentes, vice-presidentes e vereações das Câmaras Municipais de Espinho e S. João da Madeira e outras individualidades das duas terras amigas e afins nas suas aspirações. Motivos imprevistos forçaram o Senhor Ministro a regressar imediatamente a Lisboa, pelo que o jantar foi presidido pelo Senhor Governador Civil. Durante ele, e aos brindes, falaram o Senhor Conselheiro Mário Valente Leal o Dr. Amadeu Morais, o Dr. Seça de Castro, o Dr. Barbedo Marques, o Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira e o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Espinho, para salientarem a Justiça da criação das duas comarcas, agradecerem ao Senhor Governador Civil o inestimável auxílio que prestara aos anseios das duas terras e manifestarem o propósito de tudo ser feito no sentido de o mais rapidamente possível

surgirem as casas de Justiça que o Ministro decidira fossem imediatamente construídas. O senhor Governador Civil encerrou os discursos afirmando ter realizado as promessas feitas às suas terras. E, pelo que respeita a Espinho, afirmou que o problema da C.P. estava resolvido, visto que as obras irão começar muito em breve, que a ligação ao Porto aguarda apenas os estudos em curso, mas é um facto definitivamente solucionado e que no mesmo pé se encontra a restituição do areal à praia de Espinho, com os estudos quase concluídos, afirmando, mais, que o Estado vai gastar com isso cerca de sessenta mil contos, mas que a realização da obra está definitivamente resolvida e arrancará muito brevemente. «Defesa de Espinho», que se não cansa de bater estas teclas até as ver concretizadas, congratula-se com todas as afirmações que foram feitas pelo Senhor Governador Civil.

E, não esquecendo que S. João da Madeira faz de Espinho a sua praia e que são velhos e sólidos os laços de amizade que unem as duas terras, saudamos os Sanjoanenses e desejamos a rápida satisfação de todos os seus justos anseios.

«ACORDO PORTUGAL—MERCADO COMUM —ANÁLISE PROGRAMADA POR PRODUTOS» NUMA EDIÇÃO DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Para assinalar o primeiro aniversário do Acordo Preferencial entre Portugal e os países da Comunidade Económica Europeia, o Banco Português do Atlântico acaba de editar o livro «Acordo Portugal—Mercado Comum—Análise programada por produtos».

Ao editar esta importante obra, pretendeu aquela Instituição de Crédito ir de encontro aos propósitos dos exportadores e importadores portugueses, proporcionando-lhes elementos para que as suas decisões em relação aos condicionamentos dos mercados da C.E.E. possam ser mais oportunas e rápidas.

Nas páginas de «Acordo Portugal—Mercado Comum—Análise programada por produtos» encontram-se explicitadas, portanto, as estruturas do articulado geral e de cada um dos Protocolos do Acordo; os conceitos e os termos técnicos indispensáveis à sua compreensão; a documentação necessária ao trânsito de mercadorias—os certificados de origem—e os auxílios com que podem contar as actividades exportadoras nacionais.

Os interessados poderão saber ainda, facilmente, o regime de direitos aduaneiros aplicável ao seu produto através da consulta de um diagrama sequencial que os conduzirá aos resultados que procuram.

No final desta obra de extraordinária importância para a conjuntura económica nacional do momento, são apresentados os textos dos Acordos com a C.E.E. e a C.E.C.A.

Câmara Municipal de Espinho

EDITAL N.º 33/73

Faz-se público que de harmonia com o despacho por mim proferido ao abrigo do artigo 78.º do Código Administrativo se encontra aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente edital no Diário do Governo, para arrematação da empreitada da obra de «PAVIMENTAÇÃO DO PARQUE JOÃO DE DEUS EM ESPINHO».

Base de licitação 438 536\$00
Depósito provisório 10 963\$40

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

As propostas devem ser enviadas pelo correio, em carta lacrada e de forma a serem recebidas até ao último dia do prazo atrás mencionado e a sua abertura terá lugar na primeira reunião ordinária da Câmara que se realizar após o termo do prazo, pelas 15 horas, e perante a Câmara reunida.

O programa do concurso, caderno de encargos e o projecto, encontram-se patentes, todos os dias úteis e durante as horas nomais de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal e na Direcção de Urbanização do Distrito de Aveiro, onde poderão ser examinados.

Só serão admitidos concorrentes inscritos como empreiteiros de obras públicas na 4.ª categoria da 1.ª classe.

Espinho e Paços do Concelho, 9 de Outubro de 1973.

O Presidente da Câmara,

Dr. Manuel Ferreira Baião Nunes
dos Santos


VENDE-SE

Máquinas de tricotar «Knitax»
Super em estado nova.

Falar na Rua 29 n.º 859

GAO perdigueiro, branco malhado de castanho escuro, de 4 meses. Gratifica-se a quem der indicações do seu paradeiro. Proceder-se judicialmente contra quem o retiver.

Tratar pelo tel. 921056 ou 922060

	REDACÇÃO
	ARMÉNIO GOMES CARLOS PINHEIRO MORAIS CARLOS SARRIA JOÃO QUINTA
SEMANÁRIO	PROPRIEDADE
FUNDADOR	EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.
BENJAMIM COSTA DIAS	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
ADMINISTRADOR	TIPOGRAFIA SEQUEIRA RUA JOSÉ FALCÃO, 122 PORTO
ANTÓNIO GAIO	

Irão principiar as obras de defesa da nossa Praia?

Ficou-nos a sensação disso. Sim, porque não encontramos explicação plausível para o facto de, neste derradeiro fim de semana, termos visto o armazenamento de pedra que fizeram na nossa praia, no sector entre a Rua 19 e o esporão da piscina, mesmo junto à obra de defesa existente.

Ninguém acreditará que, por contágio, haja nascido espontaneamente mais uma pedreira nos nossos areais, ou, então, que tenham despejado todos aqueles calhaus para possibilitar ao mar a contínua ornamentação da nossa praia. Também não é crível que os rebos se destinem a impedir o batimento das águas em fúria na obra existente, pois sabe-se, de fonte certa, aquilo que o mar costuma fazer às pedras soltas, mesmo grandes, conforme exemplos bem visíveis.

Por dedução, portanto, fica-nos a hipótese de se tratar de um armazenamento de pedra para as obras se iniciarem e, efectivamente, em breve, antes de começar a invernia que, infelizmente, há-de trazer as águas para riba e, sendo assim, com a certeza de a começar a espalhar, em puro prejuízo económico e para o nosso areal.

Por dedução, afastamos também a outra hipótese, que seria a daquelas pedras, se destinarem a um aumento do esporão, porém em face dos últimos resultados, cremos não ser admissível encarar-se essa ideia.

Irão principiar as tão ansiadas obras de defesa da nossa praia, cujo areal vem desaparecendo ano a ano? Se não é para tal, também já agora gostaríamos de um esclarecimento sobre a chegada daqueles calhaus todos, pois disso já a nossa praia tem de sobra e continuamos a ver a areia escapulir-se, ficando com a perspectiva de, mais ano menos ano, termos o elemento líquido incrustado nas artérias marginais à praia, com todos os graves problemas, perigos e prejuízos que se advinham, para a cidade-estância-turístico-balnear e para muitíssimos dos seus habitantes, com teres e haveres por ali.

Irão principiar as obras de defesa da nossa praia?

O raciocínio esclarecido não admite outra conclusão, perante o armazenamento de calhaus que vimos!

Mas... como tudo é possível, ficamos à espera dos acontecimentos.

C. S.

FIM DE SEMANA . 20

Continuação da página 1

dúvida a sua frequência futura da cidade na época de férias (garantindo até alguns que não voltariam).

Bem sabemos que noutros lugares tudo se passa com carências de base como aqui. Mas temos de olhar por nós, sem pensar como é na casa dos vizinhos, até no intuito de atingirmos posição que nos superiorize no mercado da concorrência turística.

Nem venham dizer que no Algarve é o fim do desprezo pelo bem-estar dos veraneantes e que é ver como os turistas o enchem.

Mas o Algarve não é exemplo; dispõe de duas forças que vencem todas as carências de base: a bênção da natureza pela amenidade do mar e beleza do litoral, e uma promoção turística em força e projectada em toda a Europa quer de inspiração de entidades oficiais, quer de poderosas empresas privadas que naquela provincia investiram volumosos capitais na mira de juro rendoso. E de tal modo é essa promoção que se tornou chique ir passar férias ao Algarve, e se vai lá só para fazer figura entre os conhecidos, embora sujeito a trato deficientíssimo.

Ora essas benesses não as temos nós, pobres vareiros da praia de S. Pedro e que seremos esquecidos de todos se por nós nos não fizermos lembrar.

Espinho, turisticamente, é ainda apoio de todas as praias da Costa Verde; tem de cativar os usuários dessas praias, que aqui não virão passar as horas de lazer, se não lhes oferecermos atractivos e bom acolhimento, boas oportunidades de mercado, pois facilmente se deslocam ao Porto ou a Gaia abastecer-se nos fornecedores habituais (como até veraneantes em Espinho já estão a fazer).

Lemos a acusação de Espinho oferecer poucas distrações e, as que oferece, repetidas. Não procederá de todo a acusação. Todas as estâncias turísticas têm certas distrações «clássicas», tradicionais, como tal fatalmente repetidas — concursos hípicas, touradas, provas desportivas de ciclismo, tennis, golfe, etc.; simplesmente é impossível criar uma rede de divertimentos que agradem a todas as pessoas das mais variadas idades, gostos pessoais e culturas; Espinho oferece muitas distrações; talvez pudesse alargá-las, apesar de já muito variadas — isso não podemos apreciar, será matéria para estudo dos responsáveis.

Para corrigir as carências da cidade muitas promessas temos ouvido, e acreditamos que venham a concretizar-se; mas o Zé da Rua é como S. Tomé, só compreende o que vê, só vê a realização, não lhe interessa a idealização, nem o «há de se fazer».

Esta obra de afirmação turística, de atracção de forasteiros, porém não é tarefa apenas para as entidades oficiais: cabe a todos nós. A população de Espinho deve cativar pelo trato e aconchego os que vêm de visita para que voltem, mandem outros, ou fiquem; é preciso que aproveitem aquele não sei quê que é o aqui já falado sortilégio de Espinho que tende a prender quem a conhece.

As considerações tecidas nestas notas sobre carências de Espinho foram desagradáveis; mas tenha-se a certeza de que foram ditadas por um sentimento sem dúvida comum a todos aqueles a quem quisemos nestas crónicas despertar a atenção: amar Espinho.

VASCO LUIS

notícias da cidade

Agenda

DO HOSPITAL

De 3 a 10 de Outubro de 1973

Internamentos gerais, 40.
Exames radiográficos, 218.
Crianças nascidas, 21.

Intervenções cirúrgicas:

Cirurgia geral, 9.
Obstetria, 2.
Urologia, 2.

Serviços de urgência:

Homens, 136.
Mulheres, 118.

Internados entre outros:

Maria da Conceição Andrade Soares, para obstetria.
Bento Pinto Andrade, de Espinho, para cirurgia.

Flávio Ferreira de Castro, do Porto, para cirurgia.

Maria Júlia Sá Reis Pinto, de Sanfins, para obstetria.

Maria José Baptista Câmara, de Espinho, para cirurgia.

Carmen Leite Pinto Valente, de Serzedo, para cirurgia.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic.ª

Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Junho de 1973, lavrada de folhas 92 verso a 94 verso do livro de notas para escrituras diversas A-número 34 deste cartório notarial de Espinho, o senhor MANUEL DE OLIVEIRA MARQUES FERREIRA cedeu a sua quota de 50 000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas sob a firma «FERREIRA & BAPTISTA, LIMITADA», com sede em Espinho, Rua Vinte e seis, número 428, a MARIA PINTO DA SILVA MARTINS, renunciando, em consequência, às suas funções de gerente e autorizando que o seu apêlido continue a fazer parte da firma social.

E que foi dada nova redacção aos artigos quarto, quinto, sexto, oitavo, nono e décimo terceiro do pacto, os quais passam a dizer:

QUARTO—O capital social é de 65 000\$00, já integralmente realizado em dinheiro, dividido em duas quotas, uma de 50 000\$00 da sócia Maria Pinto da Silva Martins e uma de 15 000\$00 do sócio Aníbal Carvalho Baptista.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração especial, conforme for deliberado em assembleia-geral, fica afecta a ambos os sócios, estabelecendo-se desde já que o sócio Aníbal se ocupará da parte técnica e a sócia Maria se ocupará da parte comercial.

PARAGRAFO PRIMEIRO — Os gerentes poderão delegar os seus poderes, por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

SEXTO — Os actos de mero expediente poderão ser praticados por qualquer dos gerentes; porém, para obrigar a sociedade, é necessária a assinatura de ambos os gerentes, em conjunto, salvo se a responsabilidade contratual for inferior a 20 000\$00, que poderá ser assinada só pela sócia Maria Pinto da Silva Martins.

OITAVO — Anualmente e com data de 31 de Dezembro será dado balanço à actividade da sociedade; dos lucros obtidos, 75 por cento pertencerão à sócia Maria Pinto da Silva Martins e 25 por cento pertencerão ao sócio Aníbal, depois de deduzidos 5 por cento para fundo de reserva legal e 20 por cento para fundo de investimentos. Em qualquer altura e por deliberação unânime dos sócios, tomada em assembleia-geral, o fundo de investimento poderá ser diminuído ou aumentado.

NONO — A sociedade dissolve-se nos termos legais e ainda por simples vontade da sócia Maria Pinto da Silva Martins.

NOVO ECONOMISTA

JOAQUIM MAIA GOMES

Acaba de concluir a sua Formatura em Economia pela Universidade de Lisboa o nosso estimado conterrâneo Joaquim Maia Gomes, filho do nosso prezado assinante Sr. José Ferreira Gomes e de sua esposa D. Elvira Maia Gomes.

Ao novo Economista e a seus dignos pais, apresentamos cordiais parabéns.

NASCIMENTOS

Alexandra Maria, filha de Manuel Couto Rodrigues da Silva e de Antónia Prats Llópis Couto.

José Herminia, filho de José Herminio Machado Castro e de Maria Manuela da Rocha.

Graça Joana, filha de José Fernando Ramos Resende e de Aida da Conceição Ferreira dos Santos Augusto Resende.

Susana Alexandra, filha de Joaquim Alves Pinto e de Laura Morais da Silva Alves Pinto.

Daniel César, filho de Joaquim Manuel Mendes Moreira e de Maria da Conceição Andrade Soares Mendes Moreira.

Carla Maria, filha de António da Silva Ferreira Neto e de Maria Zulma Rodrigues Pires.

Mónica Salomé, filha de Álvaro de Carvalho e Sousa e de Maria do Carmo de Azevedo Marques e Sousa.

CASAMENTOS

Fernando Ferreira Gomes com Maria Alzira Correia, na Igreja de Paramos-Espinho.

Armando Amaro Dias Barbadães com Delmira Brandão Resende, na Igreja de Silvalde-Espinho.

Manuel da Silva Rebelo com Julieta Pereira Gomes da Rocha, na Igreja desta Cidade.

José Fontes Coelho com Cândida da Silva Santos, na Igreja de Anta-Espinho.

FALECIMENTOS

João Alberto de Lima Resende, de 2 anos de idade, filho de Joaquim Alberto de Jesus Resende e de Maria Clara Neves de Lima Resende.

Academia de Música de ESPINHO

Continuam abertas as inscrições para os novos alunos de PORTUGUÊS - Iniciação FRANCÊS E INGLÊS.

DECIMO TERCEIRO — A sócia Maria Pinto da Silva Martins ou seus herdeiros poderão livremente ceder a sua quota no todo ou em parte e a uma ou mais pessoas; o sócio Aníbal ou seus herdeiros ou meeira para cedem a sua quota, no todo ou em parte, deverão notificar a sociedade desse propósito, por meio de carta registada com aviso de recepção e a antecedência mínima de 30 dias, indicando o preço da cessão e a pessoa a quem a mesma se pretenda fazer, podendo a sociedade preferir desde que o faça saber ao promitente cedente, dentro de 15 dias a contar da recepção da carta.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 15 de Junho de 1973.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos Sil

ELEIÇÃO DE DEPUTADOS A ASSEMBLEIA NACIONAL

Do Governo Civil, recebemos a seguinte nota:

O Governo Civil sancionou as duas listas que foram apresentadas, uma pela A.N.P. e outra pela Oposição.

A da A.N.P. foi proposta por 502 eleitores, sendo 102 de Aveiro e os demais dos restantes 18 concelhos.

A lista da Oposição foi apresentada por 74 eleitores de 9 concelhos, dos quais 33 de Aveiro.

Os eleitores inscritos nos cadernos eleitorais atingem o elevado número de 167 271. Por concelhos e por ordem decrescente, é o seguinte o número de eleitores: Feira, 25 141; Aveiro, 18 477; Águeda, 12 711; Ovar, 12 671; Anadia, 12 294; Oliveira de Azeméis, 11 953; Estarreja, 9 690; Espinho, 7 803; Albergaria-a-Velha, 7 028; Arouca, 7 028; Vagos, 6 829; Mealhada, 6 312; Ílhavo, 5 579; Vale de Cambra, 5 470; S. João da Madeira, 4 310; Castelo de Paiva, 4 137; Sever do Vouga, 3 921; Oliveira do Bairro, 3 796 e Murtosa, 2 121.

Em 1969 o número de eleitores era de 137 390 e em 1957, de 86 777.

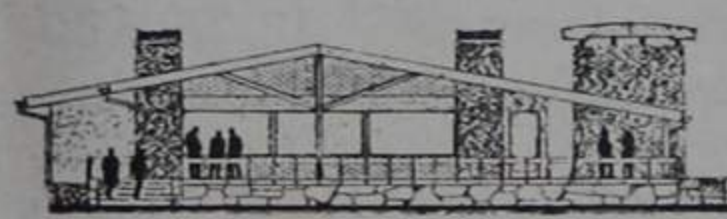
Nas eleições de 1957 a lista governamental obteve 40 108 votos e a da oposição, 17 751. Em 1969, a A.N.P. alcançou 80 092 votos e a oposição 11 055.

— x —

Da Comissão Democrática Eleitoral recebemos o seguinte comunicado:

A Comissão Democrática Eleitoral comunica aos democratas espinhenses a abertura da sua sede na Rua 11, n.º 473 (nas traseiras da Grande Garagem) com o seguinte horário: 17 horas às 20 e 21 às 24.

Mais convida por este meio os democratas e a população em geral a aí comparecerem para a discussão dos problemas mais prementes da vida nacional e obtenção dos esclarecimentos necessários a um eficaz apoio ao candidato do nosso concelho, porta-voz dos verdadeiros interesses do povo.



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

Requintado Serviço
Panorâmica Deslumbrante

Sala própria para Banquetes

Todos os Sábados na Discoteca
Música de Baile

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 Abril

A P. R. P. DIVULGA O CÓDIGO



Ao iniciar qualquer manobra — ultrapassagem, mudança de direcção, marcha atrás, inversão de sentido de marcha, paragem ou início de marcha — tome todas as precauções para não comprometer a sua segurança e a dos outros.

Tome a sua devida posição, sinalize o que pretende fazer e execute a manobra só depois de se certificar de que o fará sem qualquer risco.

Do respeito que tiver pela vida e interesses dos outros, colherá o fruto da sua própria segurança.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMÁCIA HIGIENE — RUA 19 — TELEF. 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 13 — *A ilha misteriosa*, com Omar Shariff e Gabrielle Tinti — 10 anos.

Amanhã, domingo, 14 — *No gume do pânico*, com Luigi Pistilli e Dagmar Lassauder — 18 anos.

Terça-feira, 16 — *Entre a loucura e o crime*, com George Hilton e Anita Strindberg — 18 anos.

Quinta-feira, 18 — *Amores clandestinos*, com Alan Arkin e Paula Prentiss — 18 anos.

Sexta-feira, 19 — *O túmulo do terror*, com Peter Cushing e Joan Collins — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 13 — *Bom funeral amigos... paga Sartana*, com John Garko e Daniela Giordano — 10 anos.

Amanhã, domingo, 14 — *A Noiva*, com António Pietro e Elsa Daniel — 14 anos.

Segunda-feira, 15 — *O parceiro do diabo*, com George Peppard e Diana Muldaur — 14 anos.

Terça-feira, 16 — *O processo*, com Orson Welles, Anthony Perkins e Jeanne Moreau — 14 anos.

Quarta-feira, 17 — *Bolívar, o libertador*, com Maximilian Schell e Rosanna Schiaffino — 14 anos.

Quinta-feira, 18 — *Ora bolas, eu amo-te*, com Peter Kastner e Joanna Cameron — 18 anos.

Sexta-feira, 19 — *O cego desejo*, com Carol Baker e Lou Castel — 18 anos.

« O DIREITO DE NASCER » AVISO

Por continuar em exibição no Porto, este filme anunciado para amanhã, no Casino, foi substituído pela película «A NOIVA».



POR MAIS
FRATERNIDADE

CASAS PARA
OS POBRES

No último número, tínhamos registado um donativo valioso para a altruística campanha que visa a construção de moradias destinadas a quantos vivem, por carência de recursos, em espelun-

cas impróprias para seres humanos, e, hoje, apraz-nos publicar a carta que acompanhou essa dávida, sobretudo pelas palavras bem expressivas que contém.

— X —

Antes de mais quero expressar os meus respeitosos cumprimentos e endereçar os meus mais sinceros parabéns pelo acolhimento que ultimamente tem dado a todas as iniciativas como por exemplo o artigo «PORTA ABERTA» do último número, que considero de importância capital e das mais reconhecidas necessidades de Espinho.

Estou certo que a parte negativa da nossa terra pesa na consciência de todos nós e a campanha de solidariedade humana «POR MAIS FRATERNIDADE — CASA PARA OS POBRES» poderá ser o princípio dum arranque para um melhor nível de vida que a todos nos dignificará.

Importa menos saber se somos livres de amar e odiar do que procurarmos a nossa responsabilidade no ódio e no amor dos outros e em parte somos responsáveis

pela miséria existente na parte mais escondida da nossa cidade.

A sociedade em que vivemos preocupa-se em dar ou fazer justiça aos actos repugnantes, mas nem por isso tenta procurar uma justificação no passado ou nos seus precários modos de vida a que o nosso sistema os condenou.

Aproveito portanto esta valerosa campanha, que julgo ser do agrado de todos os Espinhenses que se prezam, para enviar um cheque da quantia de Esc. 10 000\$ (mais Esc. 500\$00 de pessoa que deseja anonimato).

Agradecendo, antecipadamente, o seu habitual bom acolhimento e esperando que esta obra possa singular dum maneira positiva, subscrevo-me com a renovação dos meus respeitosos cumprimentos.

JOAQUIM TAVARES

DONATIVOS RECEBIDOS

Fernando Meneses	1 000\$00
Anónimo	250\$00
Dr. Amadeu Morais	1 000\$00
Defesa de Espinho	1 000\$00
Joaquim F. S. Tavares	10 000\$00
Anónimo	500\$00
A transportar	13 750\$00

A propósito de um acidente

No último domingo o sr. António Gomes Pereira, residente em Lourosa, resolveu vir a Espinho com a família num automóvel propriedade da firma Sociedade Nortenha, Lda. Cerca das 22 horas ao pretender atravessar a passagem de nível sem guarda existente no Bairro Piscatório, o rodado dum lado saiu fora da passagem para o leito da via. Na impossibilidade de o remover de imediato e como se aproximava o comboio de mercadorias vindo do norte, só houve que mandar sair a família e deixar o carro. O comboio na sua marcha lançada embateu e arrasou pela linha fora e durante 400 metros o automóvel vazio que ficou reduzido a uma amálgama de ferros e chapas retorcidas. Não houve mortes a lamentar...!

As duas corporações de Bombeiros espinhenses acudiram ao local do acidente e removeram os destroços da via tendo o comboio prosseguido a sua viagem passada uma hora.

Como se deduz da notícia, uma vez mais esteve na origem do acidente a deficiência do piso da passagem de nível citada, onde diversos acidentes do género têm acontecido. Dezenas de outros, por falta de cancelas e pessoal de serviço, pois não se entende que, numa zona densamente povoada e com um trânsito acentuado, continue a intocável C.P. a não providenciar no sentido de dotar aquela passagem de nível com a segurança desejável. Acresce

ainda a agravante de dois barracos prantados lateralmente tirarem completamente a visibilidade. E o rol dos mortos já é grande...

Por outro lado, e como agravante, na parte sul dos domínios da C.P., em Espinho, todo o leito da via está sem vedações o que permite a devassidão por dezenas de habitantes daquela zona que da parte poente é constituída por habitantes, e da parte nascente por unidades fabris. Como todos os habitantes válidos são operários (dos dois sexos) nas fábricas existentes, acontece que a linha é atravessada diariamente por centenas de pessoas, o que volta e meia dá aso a acidentes mortais. Esperemos que na substituição das referidas vedações existentes na parte central da cidade que brevemente se vão processar, leve a C.P. a vedar a parte sul da cidade dotando-a com passagens racionais como é necessário.

Já o brigadeiro Fernando Oliveira quando Ministro das Comunicações e em visita a Espinho, verberou o facto de toda aquela zona populacional estar com as linhas de comboio pelo meio sem vedações. E em vez de vedações têm montes de travessas das linhas e montes de entulho...

Com certeza que este arrazoado é só para conhecimento dos leitores da «D.E.». Porque a C.P., essa, continuará a funcionar como «há tantos anos...».

J. J.

GAZETILHA

MAIS UM SINAL DE ALARME

Cada ano, sobre nós mais cresce o mar
E mais nos levará, da praia, a areia...
Enquanto a técnica só nos receitar
Doses de inoperante panaceia.

É o facto que os nossos olhos vêem
E que confrica o nosso sentimento.
Que males sem remédio se antevêm,
Neste problema em franco agravamento!

Aproxima-se o inverno. E nós sabemos,
Quando a fúria do mar recrudescer,
A que impactos da vaga assistiremos,
Na impotência de os conseguir deter.

E o que é que restará da nossa praia,
Em tempos idos tão extensa e linda,
Quando um inverno mais sobre nós caia?
Poder-se-á chamar-lhe praia ainda?!

Por Deus! Venha até nós quem estude o caso
Com afinco e saber, profundamente,
E surjam providências, sem atraso...
Pois cresce o p'riço, assustadoramente!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

PORTA ABERTA

De um leitor, cujo nome a seu pedido omitimos, recebemos uma carta na qual foca os seguintes

aspectos da nossa cidade que lhe parece merecerem certa atenção das entidades competentes:

— X —

1 — Proibição, pelas entidades competentes, do buzinar dos veículos automóveis. Isso viria beneficiar a luta actual contra a poluição sonora, uma vez que baixaria o nível sonoro da cidade.

2 — Colocação ao longo da Rua 24 de sinais de velocidade reduzida a 60 quilómetros horários, devidamente distanciados. As velocidades praticadas pelos veículos automóveis nesta rua são muito exageradas.

3 — Anomalia de sinais — na Rua 27 e Rua 24 — na parte nascente daquela a circulação está proibida no sentido nascente-

poente. No entanto esqueceu retirar dois sinais que estão a mais na Rua 27: um de prioridade de passagem e outro de Stop.

4 — Eliminar ou baixar para cerca de 0.50 metros de altura a sebe que circunda o Parque João de Deus, porque tal qual como está torna-se muito escondido e acho que deveria ficar mais franco, mais aberto. Estamos em tempos de aberturas, e participações e convívios.

5 — Pavimentação dos passeios adjacentes à Rua 62, desde o entroncamento com a Rua 24 e o extremo norte da cidade (Ponte de Anta).

— X —

AINDA O PONTÃO

Li com atenção o artigo assinado pelo Exmo. Senhor Carlos Sárria que vem publicado sob o título «O pontão será solução ou caríssima complicação?»

Depois de o analisar verifiquei que a solução de acabar com o trânsito neste lado de Espinho, não seria má desde que se salvaguardassem os casos especiais e que creio serem os seguintes:

- parque de estacionamento para os utentes do casino, dos hotéis e mesmo alguns moradores (casos de dificuldades físicas de se deslocarem, etc.);
- entregas de mercadorias;
- socorros (bombeiros, ambulâncias, etc.);
- entidades oficiais.

Creio que o pontão é sempre necessário para evitar as longas bichas de automóveis e respectivo concerto de buzinas.

Creio que o pontão é necessário para permitir fácil e rápida passagem dos casos de urgência (bombeiros, ambulâncias, etc.).

Mas para o trânsito em geral, mesmo o domingueiro, poder-se-ia pensar na seguinte solução:

- parque subterrâneo nos terrenos em frente a este Hotel mas só com entrada pelo outro lado da linha (nos terrenos ainda por edificar traseiros às construções ain-

da em curso) e com passagem subterrânea.

Assim, todos os automóveis que quisessem passar para este lado da linha, teriam necessariamente que entrar pelo parque e depois sair a pé por escadas que eventualmente poderiam ser mecânicas.

O trânsito neste lado da linha seria, pois, somente autorizado para os casos que atrás citei e outros encontrados convenientes.

Creio que a obra não seria demasiado cara, pois os terrenos são arenosos e consequentemente fáceis de minar.

Por outro lado, permitiria fazer melhor arranjo urbanístico do terreno ao nível da rua e que poderia ser: ou só jardim, ou um misto de jardim e parque automóvel, ou jardim e campo de ténis, ou jardim, campo de ténis e uma pequena piscina, ou mesmo, jardim e uma construção térrea com pequenas lojas de artigos de primeira necessidade.

Todo este conjunto poderia ser construído ou por particulares ou pela Câmara que depois o daria à exploração ou faria a sua exploração directa.

Com estas minhas palavras procuro tão somente expor uma ideia que em conjunto com outras ideias poderão ajudar a encontrar a solução ideal para este problema de Espinho-Cidade.

PELO HOTEL PRAIAGOLFE
EDUARDO NAMURA



Os Espinhenses do Brasil e a sua Cidade de Espinho

BEM HAJAM!

O Domingos Couto foi o primeiro a dar-me tão auspiciosa notícia: ESPINHO CIDADE!

O Couto é um dos espinhenses no Rio de Janeiro que mais vive tudo o que se relaciona com Espinho. Ele é apaixonado pela sua Terra, é ardoroso, é envolvente; tem sempre uma boa e sincera opinião e é e será sempre merecedor da estima de todos os Espinhenses no Rio.

O Couto, é, certas vezes, ou talvez muitas vezes, um pouco explosivo. Mas é franco e sincero, digno e capaz. É muito amigo de seu amigo, sempre disposto a lutar e a colaborar com quem disfruta do privilégio de sua amizade. Um «amigão», como cá se diz.

Ele, como espinhense, saberia melhor manifestar toda a alegria dos Espinhenses no Rio de Janeiro.

Eu não sou de Espinho, mas sou Espinhense! Vivi aí 12 anos. Os melhores da minha vida. Os anos da mocidade, do Colégio S. Luís, dos namori-

cos, da Avenida, da Praia, dos cafés, etc., etc.

Há uma norma entre os Espinhenses, de que, todo aquele que almoça ou janta com um deles, tem o direito de se considerar um pouco de Espinho. Ou ainda, basta ser amigo de um Espinhense, para que, sem querer, nós nos sintamos um pouco de Espinho.

Ora, eu, tive a prerrogativa de, por muitos anos, ser convidado para almoçar e jantar com um Espinhense. E, aí de mim, se não estivesse em sua casa na hora das refeições. Falo de meu Pai, espinhense nato, que adorava essa terra e que incutiu em mim o espírito e a alma de um verdadeiro espinhense.

E, cá estou eu a falar da vossa terra e da «minha» terra, por incumbência dos Espinhenses no Rio de Janeiro, de cujo grupo faço parte e à frente do qual está o Teófilo. O Teófilo que não precisa de referências, que

(Continua na página 7)

De longe, do outro lado do Atlântico, dessa imensidão líquida que constitui uma das razões da existência deste nosso rincão vareiro, recebemos, com muita e sincera satisfação, o testemunho da euforia, amalgamado com os sentimentos de bairrismo e de saudade, mais pungentes naqueles que estão longe do seu torrão natalício, dos nossos conterrâneos militantes na terra irmã brasileira, a maioria deles espinhenses pelo nascimento, outros espinhenses adoptivos, daqueles que, um dia, vieram e «beberam água do Mõcho».

Esta página de «D.E.», idealizada e com a colaboração dos espinhenses do Rio de Janeiro, constitui o documento vivo dessa alegria com que o Espinho do Brasil recebeu a notícia da cidadania alcançada pela sua querida terra e o Jornal, elo de ligação da cidade e do seu pulsar com todos quantos se espalham pelas sete partidas do mundo, exprime aos nossos conterrâneos o vero agrado, não só por lá longe manterem bem viva a chama do bairrismo espinhense, como pela colaboração oferecida.

Entretanto, no meio da alegria e da satisfação, não podemos deixar de exprimir o muito sincero pesar pelo passamento de um dos nossos conterrâneos, o sr. Domingos Couto, precisamente citado num dos artigos desta página, a página que é o marco do núcleo espinhense em terras de Vera Cruz, para assinalar a sua CIDADE DE ESPINHO.

Espinho Cidade e os Espinhenses do Rio

Eu acho que aqui ninguém se recorda mais de como e quando chegou a notícia. Apenas nos recordamos de que reagimos como é costume reagir a tudo quanto é esperado. E nem seria de estranhar um resmungo de qualquer de nós por ter havido tanta demora.

Antes da Cidade, o jornal da terra nos falava impacientemente, continuamente, das imperfeições e das insuficiências da Vila de Espinho. Isto para nós, aqui no Brasil, era um tanto difícil de entender. Nós não víamos um buraco nas ruas, uma palmeira derrubada, uma casa por pintar, um polícia que não fosse poliglota, um médico que não fosse Prémio Nobel. Nós, daqui, nada ouvíamos que nos fosse desagradável. Nem a histeria das locomotivas nem os palavrões de quem as ouvia no Largo da Graciosa.

Depois de nos acomodarmos à ideia de Espinho-Cidade, coisa tão consequente, tão natural, outras ideias tomaram conta de nós. Ideias que são um pouco mais próprias de quem um dia se viu forçado a sair. E nesta coisa de sair todos perdemos. Os que saíram e os que ficam. Na hora de ruptura todos sentem que tudo ficou mais débil.

Póvoa de Varzim, Espinho e Almada são três novas cidades de Portugal.

Muitos lugares de Portugal se despovoaram da maior riqueza duma nação. Muitos lugares, no exterior, se povoaram do riquíssimo sangue português. Até agora assim tem sido. Mas parece que as coisas se vão modificar. E é preciso que se modifiquem.

Será que aquelas três novas cidades de Portugal são a reacção portuguesa a essa estranha transfusão do «Século

do Nada», em que o doador não costuma ser o mais forte? Deus queira que sim.

Precisamos saber, e tão breve quanto possível, que aí bem perto, nesse mesmo distrito, um pouco mais longe, muito mais longe, no vastíssimo espaço português, outras cidades surgirão. Saber disto é saber que o português já não é obrigado a dar a quem não precisa tanto quanto Portugal.

Nem sempre somos justamente julgados e tratados quando trabalhamos longe de casa. Até mesmo quando nos interessamos pelos problemas da comunidade em que nos integramos. E nada mais doloroso do que sofrer, vez por outra, a recusa de verdadeiros e sagrados sentimentos de afeição.

Ainda há portugueses a quem é preciso dizer que a grandeza da Pátria apenas pode depender dos próprios portugueses. De todos. Ninguém poderá omitir-se. Ninguém poderá aguardar que as elites façam o projecto e executem a obra. Todos têm de aceitar uma tarefa, qualquer que seja a categoria, que todas têm a mesma dignidade. E é preciso não perder de vista que só se pode entender por elite o que não pretende reduzir a Pátria, qualquer que seja a dimensão.

É preciso que isto se faça para que o português não tenha de sair de casa para ir à procura dum patrão. É necessário que os homens nascidos para empreender se capacitem do dever social de não negar sua própria vocação. Que se fundem muitas e duradoiras dinastias nas actividades económicas.

(Continua na página 7)



Imagem da festa espinhense do Rio de Janeiro

CIDADE ELEITA

Minha atenção está voltada para Espinho e não me posso furtar a esta ansiedade.

Espinho cidade, a vila que andei namorando de longe desde criança.

Meu pai português, legou-me esta afeição e entusiasmo por Espinho e sua gente.

Quando lá estive pela primeira vez e senti sob meus pés o tremor da terra, acompanhando o nervoso das ondas, minha mente reviveu as histórias e os factos contados por ele, sobre aquele lugar cheio de encantos; Espinho então ainda viva seus tempos gostosos de vila.

Agora, em minha casa, onde estou recebendo um grupo de espinhenses amigos, que festejam a elevação da vila a cidade, parece-me reviver na cidade, parece-me reviver na cidade de felicidade e alegria, aqueles distantes momentos em que eu me impregnei da força e do ruído daqueles mares bravios de Espinho.

Vejo-me também quando voltei novamente a Espinho, então casada com um espinhense e da alegria reencontrada pelos que me acolheram como se eu fosse como eles uma espinhense verdadeira.

Em cada amigo espinhense que em minha casa festejava a nova cidade, eu como que identificava os velhos amigos do meu segundo reencontro com Espinho há quase quinze anos atrás. Eramos todos espinhenses na casa de uma espinhense brasileira.

Orgulhava-me de sentir assim, porque Espinho começava a ser também minha segunda terra, tal como o Brasil o é também para todos os portugueses que aqui chegam. O Brasil é o país que tenho, mas não impede que meu coração bata com os corações espinhenses; primeiro impelido pelo carinho e agora pela realização.

Eramos muitos em minha casa nesta noite e não era menor a alegria e esperanças, as recordações tão sentidas que todos parecíamos viver a praia de Espinho dentro de nossas saudades. Agora, alguma coisa mais nasceu em nós espinhenses.

Espinho me volta a lembrança agora com toda a grandeza de sua beleza. Estou-me preparando para revê-la. Quero ver sua força em funcionamento, aquela em que a grandeza e beleza se

(Continua na página 7)



A
 Maior
 Organização
 do País
 em
 Compra, Venda
 e Colocação
 de Capitais



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS:
40.000.000\$00

RUA PASSOS MANUEL, 4-1.º ♦ PORTO
 RUA DO OURO, 292-1.º ♦ LISBOA

Fábrica
 de
 Artigos
 de
 Celuloide e
 Plásticos

LUSO, CELULOIDE

de
Henriques & Irmão, L.^{da}
 ☆
 APARTADO 22
 TELEFONE 920070
 ☆
ESPINHO

TRAQUINA

DE
 LEMOS & SOARES, L.^{DA}

Rua 16 N.º 533
 Tel. 920569
 ESPINHO

TUDO PARA O BEBÉ

CONFECÇÕES
 MALHAS
 HIGIENE INFANTIL
 BAZAR



CASA LUCIANA ≡ **Boutique**

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO
 Representante em ESPINHO dos Brinquedos "SÓBRINCA"
 e dos artigos de viagem "TAURO"

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
 Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de
VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 56

Espinho Cidade e os Espinhenses do Rio

(Continuação da pág. 5)

É que uma só fábrica não deixa de apitar porque o patrão não precisa de mais para viver o resto da vida. Nessa fábrica há outras vidas que são uma parcela da Pátria.

Recordo muito bem o tempo em que todos falávamos dos autênticos ou falsos valores da época. Valores portugueses ou não. Naquela idade, quanto menos confiança e menos intimidade com a escola, mais fôlego havia para atacar qualquer matéria. Ciências, História, Artes, Política, Economia, o diabo. Mas quando se tratava de qualquer produto industrializado, exigentes que éramos, apenas nos ocorria falar dos tecidos, das máquinas e das drogas que vinham de fora. De resto, para garantirmos a grandeza e a perenidade da Pátria, quase nos bastava a História.

Aqui no Brasil, já muito antes da Revolução de 1964, eu ouvia com certo espanto, o interesse de muita gente jovem pelas iniciativas nacionais na área da economia. Gente que não possuía uma só acção duma indústria modesta. E quando falavam nisto, dado o entusiasmo manifestado, eles davam-me a impressão de estar falando de Santos Dumont ou do Futebol Brasileiro.

Claro que não resisto à tentação de apontar a íntima relação dum entusiasmo que é vontade para um resultado que é vitória. Ninguém espera de mim, e agora, a revelação do que é o Brasil de hoje. Todos esperamos, e apenas, que esta potência tenha uma palavra nova para dar a este mundo louco.

Esta ligeireza do Brasil faz-me pensar muito na pressa com que Espinho se fez Cidade. Quase poderíamos dizer que são da minha geração, dos nossos dias, aquelas primeiras e vigorosas figuras da monografia do Alvaro Pereira sobre Espinho.

Há um encanto na minha terra que torna fácil a fixação de quem chega e difícil a saída de quem lá chegou ou nasceu. A terra é muito nova. Já nasceu um pouco tarde para sofrer os efeitos da prolongada tristeza e da prolongada rotina da velha Casa Lusitana. A vivacidade da infância ainda se juntou a excitação resultante da contribuição de gente de vária origem. Assim cresceu Espinho. E com aquele gosto tão próprio da juventude, que é o de viver novas experiências, uma personalidade

marcante se consolidou e uma Cidade surgiu. A Cidade é mera consequência desta personalidade.

A impaciência com que Espinho se fez Cidade parece ser um fenómeno um pouco mais próprio do Novo Mundo. Espinho nos ajuda a sonhar um Novo Mundo no Mundo Português. E porque não?

Noutros espaços, mais vastos, não se fez tanto. Nos acanhados limites do concelho de Espinho se faz a clara afirmação duma outra vontade, duma outra determinação. Dentre tantos e vários valores, de maior ou menos transcendência, é necessário que se multipliquem na Terra Portuguesa a paciência e a persistência dum Capela, a impetuosidade consciente dum Violas.

O Teófilo, e nem precisaria acrescentar Pereira de Sousa, é o implacável caudilho dum grupo de espinhenses do Rio de Janeiro. Nesta magnífica qualidade decidiu proceder à mobilização de seus fiéis seguidores, e respectivas famílias, para uma festa em sua casa. O Teófilo tem medo da História. Não só ele. Todos nós. Ver os amigos mais próximos para exultar uma alegria demasiado grande, não era tudo. Era preciso também que Espinho nos não acusasse, mais tarde, da recusa dum gesto de saudação.

Se um estranho nos surpreendesse naquela festa, tão lindamente cuidada pelo casal Pereira de Sousa, haveria de dizer que qualquer coisa serviria para nos fazer rir. Mas se alguém pronunciava o santo nome de Espinho, sem lhe acrescentar mais nada, sempre haveria alguém para corrigir, num tom velado e respeitoso, com estas poucas palavras, muito fáceis e muito gostosas de pronunciar: «Cidade de Espinho, por favor...». Todos estávamos insuportáveis de orgulho e presunção. Felizmente, nenhum estranho nos surpreendeu.

Ao final da festa havia uma surpresa para mim. O Teófilo arrastou-me para o lugar das decisões e disse-me que eu teria de escrever qualquer coisa a respeito. Está escrito. E para que mais ninguém seja responsabilizado, o meu nome poderá ser lido ao fim de tudo isto e por quem conseguiu chegar tão longe.

ELÍSIO BAPTISTA

Rio de Janeiro, Agosto de 1973

BEM HAJAM!

(Continuação da pág. 5)

Mas a glória é vossa! Nós, como emigrantes, lutamos por um futuro melhor para nossas famílias. Lutamos para fazer ou realizar algo de útil para o País que nos acolheu, paralelamente ao da divulgação da terra onde nascemos.

Mas vocês, aí, fizeram muito. Vocês todos, ajudaram a fazer um Espinho maior, a fazer um Espinho melhor, mais industrial, mais comercial, em resumo mais útil ao nosso Portugal.

E, tão útil, hoje, Espinho é a Portugal, que por Portugal, por seus Dirigentes, entendeu e julgou por bem, tornar Espinho uma CIDADE. Como vocês lutaram por esse ESPINHO-CIDADE! Mas valeu a pena, não valeu? Por isto, em nome dos Espinhenses no Rio de Janeiro, eu agradeço-vos. Agradeço-vos tudo que fizeram por Espinho e pela alegria que nos proporcionaram.

Para todos os Espinhenses, um muito obrigado dos Espinhenses no Rio de Janeiro.

Bem hajam. Vocês, aí, ficaram alegres e contentes. E nós, aqui? Já pensaram?

Mas valeu? Bem hajam.

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

LOPO MARQUES

CIDADE ELEITA

(Continuação da pág. 5)

confrontam. Irei encontrar a nova cidade. Uma dúvida me preocupa e uma certeza também. Esta é a de que encontrarei como sempre os mesmos espinhenses hospitaleiros e amigos. E a dúvida? Teria Espinho perdido sua graça peculiar, aquele ar bucólico da sua paisagem? Como seria agora a nova face da cidade de Espinho? Teriam poluído minha praia de Espinho? Teria a cidade domado aquele mar? E a vila teria cedido sua pureza à ambição de cidade?

Certamente vou encontrar muitas coisas novas. É natural. Mas estou certa, de uma certeza, que me vem do calor dos meus amigos espinhenses do Brasil, que se mudaram as coisas não

mudaram certamente a beleza da alma e a alegria da vida dos espinhenses.

Há nisto tudo algo irremediavelmente latino, portanto condenado ao sol, à festa. É de há muito minha arraigada convicção que para o futuro, quando quiserem descrever Espinho o farão entre dois modos distintos: dentro da arte e da vida.

Sei que ao retornar a Espinho, não encontrarei mais a minha suave vila. Vou encontrar a cidade...! Cidade que me receberá amável, cidade a que não pude resistir, cidade que elegeria para viver.

HILDA PEREIRA DE SOUSA



APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL



em qualquer parte onde você esteja nós estamos consigo

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO



Carlos Matos Viegas
MÉDICO
Clinica Geral
Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clinica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º — PORTO

Telefone 33868

J. Pinheiro de Moraes
Médico

Clinica Geral—Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390 — Tel. 920452

Dr.ª Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Centro de Enfermagem de Espinho

III

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 24 às 8 h.)

ESPINHO

Uma Organização

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Aberto das 9 às 24

COLÉGIO DE N.ª S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil • Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas • Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 — ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

José Oliveira

Solicitador encartado

ESCRITÓRIO:

Rua 19 - 401 - 1.º — Tels. 920093
920959 P.F.

RESIDÊNCIA:

Rua 9 - 868 — Tel. 920770

OFERECE-SE

CORRESPONDENTE DE INGLÊS com larga prática para trabalhar part-time ou regime livre. Resposta à redacção ao n.º 26

VENDE-SE

BAIRRO de cinco moradias com 500 m² de quintal, em Sales - Silvalde, denominado «Bairro de Chaço». Informa pelo telefone 921044 das 9 às 13 horas

ESCOLA NORMAL DE CORTE

«LUC»

Curso nocturno de Corte e Confecção

Pronto a Vestir por Escalas e Moldagem

Inscrições: Rua 21 n.º 752
Telef. 921416



GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE!

• **MÚSICA DE BAILE** •

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO

e **LOS WINDY'S** (espanhol)

• **VARIEDADES** •

BALLET Salvador de Castro

NATALINA JOSÉ

Cançonetista Portuguesa

THE DALRAYS

Ventriloquos

• **MÚSICA E DANÇA** •

NO SALÃO DE FESTAS NO RESTAURANTE
Restaurante (M/ 14 anos) "Boite" (M/ 21 anos)

JANTARES CONCERTOS

Esmerado Serviço

NO SALÃO DE FESTAS

Matinéas Dançantes (M 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO

SLOT - MACHINES

• **CINE-TEATRO** •

SESSÕES TODOS OS DIAS

OFERECE-SE

Menina com o 5.º ano Liceal e o curso de dactilógrafa, deseja emprego. Resposta à redacção deste jornal n.º 27

QUARTO

Cede-se a rapariga estudante, com tratamento de roupas e serventia de cozinha. Condições a combinar. Tel. 921055

ÀS RAPARIGAS DOS 16 AOS 25 ANOS!

Se você gosta de trabalhos manuais e tem gosto pela perfeição das coisas que executa, tem agora a grande oportunidade da sua promoção pessoal.

A CETAP vai iniciar cursos para trabalhos de serralharia para formação feminina, trabalhos delicados e de precisão.

Inscriva-se!

Durante os dois meses de treino ganhará 60\$00/dia. Logo após estes dois meses o ordenado será 80\$00/dia, e depois... depois será você quem ditará a meta final.

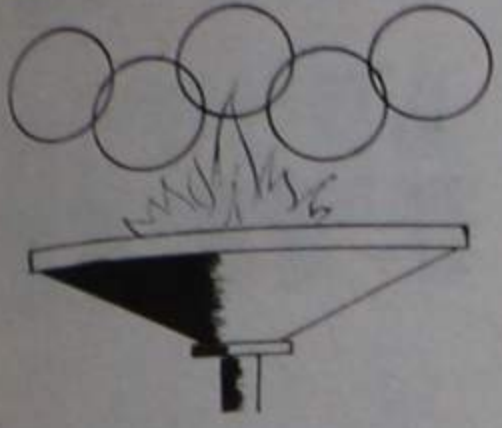
A inscrição é limitada.

CETAP

CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO DE PLÁSTICOS DE ANTÓNIO MATOS

ANTA — ESPINHO

TEL: 921226



desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

A. D. Fafe, 0 — S. C. Espinho, 0

No Parque Municipal de Desportos de Fafe realizou-se, no passado domingo, o jogo entre a equipa local e a do Sp. Espinho, a contar para a 5.ª Jornada do Nacional da 2.ª Divisão. Cerca de 3000 espectadores assistiram ao encontro, notando-se uma razoável, mas pouco animosa, caravana de espinhenses.

As equipas alinharam:

FAFE — Neto; Leitão, Martinho, Cláudio e Costa; Candido, Ismael e Kaul; Daniel, Testas e Manuel Duarte.

ESPINHO — Luz; Ribeirinho, Simplicio, Gonçalves e Gomes; Acácio, Ferreira da Costa e João Carlos; Augusto, Telé e Malagueta.

Se analisarmos o encontro unicamente como espectáculo de futebol concluímos que se tratou de um mau jogo.

Se quisermos atender ao facto de que o desafio fez parte das primeiras jornadas do campeonato, prova longa e dura, então a conclusão pode ser diferente. Podemos até dizer que pelo menos para o Sp. Espinho o jogo não foi mau. Realmente, os espinhenses que, tudo leva a crer, iam com o sentido de conquistar um ponto, acabaram por concretizar o seu plano.

Iniciando o jogo sem permitir ao adversário a costurada entrada de rompage, a equipa do Sp. Espinho conseguiu superiorizar-se no decorrer do primeiro quarto de hora. Neste período marcou dois cantos contra um do Fafe e rematou cinco vezes ao golo enquanto que os minhotos apenas levaram a bola à baliza dos espinhenses em dois lances.

Passados os primeiros 15 minutos o Fafe apareceu mais sobre o meio-campo defendido pelo Espinho e chegou a desfrutar de alguns lances perigosos, mas a inépcia dos seus avançados não permitiu que concretizassem qualquer remate em golo.

Jogava-se aos repelões. Bola pelo ar, que apenas Cláudio, no Fafe, e Ferreira da Costa e Malagueta, no Espinho, procuravam colocar rente ao solo. Foi meia-hora de choques constantes, tendo-se assinalado 18 livres (10 a favor do Fafe e 8 do Espinho), com os jogadores mais capazes em destruir do que construir jogadas com princípio, meio e fim.

Na 2.ª parte a feição do jogo, quanto ao seu baixo nível técnico, não se alterou.

Como se previa, o Fafe lançou-se ao ataque, a tentar alterar o nulo verificado ao intervalo, mas passados dez minutos o equilíbrio começou a estabelecer-se com o jogo a desenrolar-se quase sempre entre as duas áreas e de tal forma que dos 15 aos 30 minutos o guarda-luz não foi chamado a fazer qualquer defesa (houve apenas dois pontapés de saída) e o guarda-redes do Fafe apenas defendeu um remate.

No quarto de hora final o Fafe procurava a marcação de um golo, com sofreguidão. A defesa do Sp. Espinho, bem organizada e auxiliada por Acácio,

e a espaços por João Carlos, não permitia tabelinhas aos avançados contrários e antecipava-se aos cruzamentos de bola pelo ar. Neste período de maior assédio minhoto ainda sobraram, apesar de tudo, ocasiões para o contra-ataque espinhense, aliás sempre bem explorado por Ferreira da Costa, elemento que vem a demonstrar a sua utilidade como jogador de meio-campo.

Terminou o jogo com 0-0 no marcador, mas o resultado não quer demonstrar só domínio dos sectores defensivos sobre os atacantes. Demonstra também que as equipas não souberam, ou não quiseram, atacar.

Relembrando o trabalho de cada sector, temos que a defesa espinhense não comprometeu, apesar da insegurança que Luz deixou transparecer num ou outro lance. E já que falamos da defesa refira-se o facto de no primeiro quarto de hora de jogo o Sp. Espinho ter sofrido cinco livres, quatro deles provocados pelo central Gonçalves, o qual na meia hora restante da 1.ª parte apenas esteve em um dos dez que a equipa então sofreu. (Será que o jogador demora a encontrar o seu ritmo de jogo?).

O meio-campo, constituído normalmente por três jogadores, esteve certo na ajuda à defesa mas mal quando passava ao ataque. O médio Acácio continua a demonstrar força e capacidade de trabalho, mas não soube oferecer jogadas aos seus avançados. O outro médio, João Carlos, esteve por demais infeliz em quase todo o jogo. Só Ferreira da Costa esteve mais perto do que de bom lhe vimos fazer noutros jogos deste campeonato.

O ataque, despojado da rectaguarda e com os três elementos muito afastados uns dos outros, não agradou. Foi quase nulo perante uma defesa que quando *apertada* não se mostrou segura, excepção feita a Cláudio que dominou bem a área onde lhe competia jogar.

Um pormenor a apontar: na segunda-parte foram marcados cinco *foras-de-jogo* ao ataque espinhense, todos eles ao avançado Augusto. (Desconhece o modo como deve deambular à espera do contra-ataque?).

O ponta-de-lança Telé confirmou a sua boa técnica individual mas pouco fez de positivo. Pareceu-nos muito despojado. E Malagueta? Na primeira-parte ainda tentou mais do que uma oportunidade para ultrapassar a defesa do Fafe, mas na segunda esteve muito apagado. Houve até um lance com Augusto a discutir a bola na extrema-esquerda e Malagueta parado, uns metros mais recuado, com as mãos nos quadris (!)

Espera-se que o decorrer da competição aproxime a equipa do Sp. Espinho do valor que se adivinha fazer parte do seu potencial.

A arbitragem do portuense João Gomes não agradou. Embora não tenha tido erros que prejudicassem abertamente qualquer das equipas, mostrou-se desatento em muitos lances do jogo.

A. A. G.

Objectivos da Educação Física no Desporto e no Ensino

Vamos neste artigo fazer algumas considerações subordinadas ao tema «Objectivos da Educação Física e do Desporto no Ensino» baseadas na revista «Etudes et Documents d'Education» da Unesco.

Em primeiro lugar podemos considerar que o ensino da Educação Física nas escolas assegura não só um desenvolvimento completo do indivíduo física e intelectualmente mas também permite desenvolver o sentido de comando e o carácter. No que diz respeito à inter-acção físico-intelectual podemos citar o exemplo colhido da experiência feita pelo Governo francês ao criar uma turma-piloto em que o ensino era dividido em duas fases distintas. Da parte da manhã dedicada ao trabalho intelectual e da parte da tarde reservada ao desporto e a outras actividades físicas. Posta em comparação com uma turma tradicional verificou-se que não só o estado de saúde, o desenvolvimento corporal mas também o desenvolvimento intelectual era superior ao daquela.

Em 1965 e 1967 o Conselho Internacional de Higiene de Educação Física e Recreio enviou algumas perguntas aos seus correspondentes em 43 países. Uma das perguntas era a seguinte: «Enumerar quatro ou cinco objectivos ou finalidades da Educação Física no seu país». A resposta do Ministro da Educação e Desportos do governo equatoriano e elucidativa: «Desenvolver não só os músculos e outros órgãos mas estimular também a formação do indivíduo numa atmosfera social apropriada; desenvolver a força muscular, actividade geral do corpo, a resistência, a agilidade do indivíduo e ao mesmo tempo estimular a alegria de viver e o sentido da graciosidade; cultivar a beleza e o ritmo; contribuir para a reactualização dos ideais democráticos; cultivar a honestidade e o «contrôle» das emoções, o sentido da honra, da camaradagem e da coragem».

Os objectivos e as finalidades transcritas pelos inquiridos foram idênticas quer tratando-se de país desenvolvido ou em vias de desenvolvimento como se pode depreender pela resposta dada por M. Peter McIntosh, de «L'Inner London Council College of Physical Education»: favorecer um crescimento físico normal e uma boa condição geral, desenvolver o domínio sobre o próprio corpo assim como as aptidões individuais, o carácter e a arte de viver em sociedade». Das respostas enviadas o binómio formação do carácter e formação da personalidade foi constante.

Cumpra à Educação Física e Desporto ministrado nas escolas dar aquilo que as outras disciplinas não conseguem fornecer: um equilíbrio psicossomático e o desenvolvimento dum espírito são.

FUTEBOL

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 15 HORAS

SP. ESPINHO — SP. BRAGA

Vimos o Braga no jogo inaugural do campeonato a defrontar o Varzim. Não nos impressionou, pois jogou mais a povoar o meio-campo do que a lançar-se no ataque. Empatou a zero golos.

No entanto a equipa está no cimo da tabela. Talvez tenha melhorado e de tal forma que ainda não teve qualquer derrota. Conta com duas vitórias e um empate em casa; uma vitória e um empate fora.

A defesa bracarense não nos pareceu famosa, excepto o guarda-redes (Armando, ex-Porto) que se mostrou muito seguro. O meio-campo conta com dois jogadores muito experientes: o antigo defesa Agostinho e Palmeira, característico pelos seus «raids» ofensivos. No ataque têm jogado o possante Ramos e os brasileiros Calu e Generoso. Destes, o primeiro é um artista da bola, embora muito franzino e o segundo é um extremo-esquerdo rapidíssimo.

O jogo de amanhã constitui um bom cartaz. Frente a frente duas equipas dos lugares cimeiros apenas separadas por dois pontos. Que seja um bom espectáculo desportivo e que o Sp. de Espinho não deixe de oferecer aos seus adeptos uma tarde vitoriosa.

A. A. G.

Ginástica na Académica

Principiaram já as aulas das diversas classes de ginástica da A. Académica de Espinho, com o seguinte horário:

Professor F. Torres (às terças e quintas-feiras), com as classes mista (17 horas), rapazes 6 a 7 anos (18 horas) e rapazes 8/9 anos (19 horas).

Professora Maria Noémia (às terças e quintas-feiras), com a classe de meninas 6/7 anos às 18 horas e a dos 8/9 anos às 19 horas.

Professora Margarida Celeste (às terças e quintas-feiras) com a classe rítmica das 19 às 20 horas.

As classes pré-desportivas e desportivas, de ambos os sexos, trabalham de segunda a sexta-feira sob a orientação da Professora Alda Corte Real e outros instrutores, estando presente à quinta-feira o Professor Virgílio Dias.

Organização

Pró — ESPINHO

A organização «Pró-Espinho», elaborou um programa, para acompanhamento da turma principal do S.C.E. aos diversos campos dos adversários da 2.ª divisão nacional, em autocarros a preços convidativos, esperando-se que, realmente, esta modalidade dê os resultados esperados.

BANCO PINTO DE MAGALHÃES
O SEU BANCO
PORTO LISBOA
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

última página

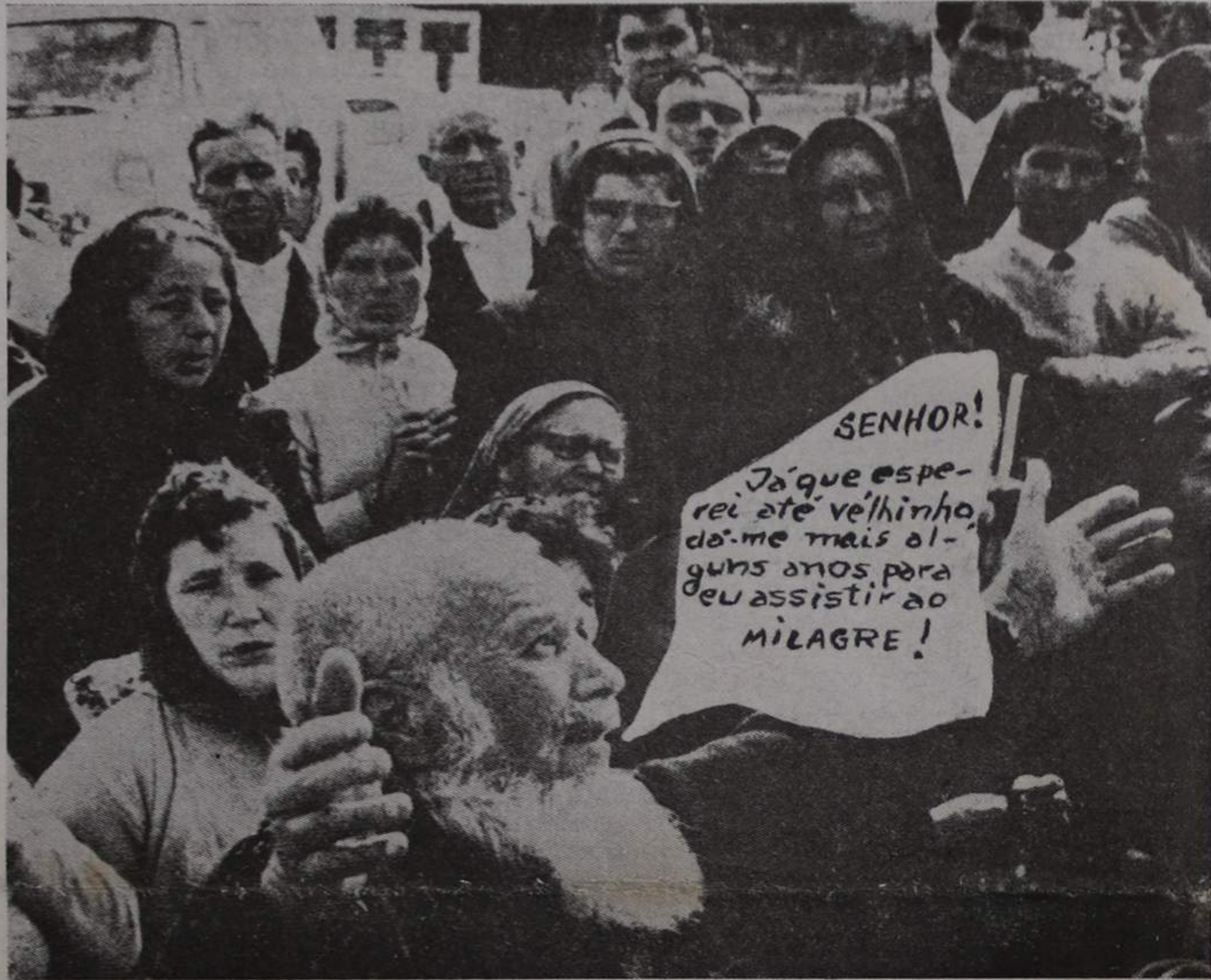
SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.^a

ESPINHO E A C. P.

VAI SER CUMPRIDO O DESPACHO MINISTERIAL

(in «Defesa de Espinho» de 6/10/73)



HÁ

TANTOS ANOS...

É dum necessidade absoluta o começo dos trabalhos da avenida para o Campo de Aviação, que, além de preencher o fim a que se destina, servirá para valorizar o mais possível, debaixo do ponto de vista turístico, a magnífica Barrinha de Paramos. Mãos à obra.

«D. E.», de 7 de Maio de 1933 — N.º 59

— x —

Já não precisamos de ir ao Porto para apreciar uma boa sessão de cinema sonoro. O «Cine-Jardim-Recreio» tem-nos proporcionado ultimamente esplêndidas sessões, graças ao seu magnífico novo aparelho e aos belos programas exibidos.

Ainda bem.

«D. E.», de 14 de Maio de 1933 — N.º 60

— x —

— Na suposição de que à G.N.R. não competia a repressão das transgressões às posturas municipais, aventamos a ideia da criação de um corpo de polícia municipal para reprimir os abusos que se observam por quase toda a nossa vila, no que respeita à limpeza, higiene, etc.

Somos informados, porém, de que a Guarda Republicana tem atribuições até bastante latas nesse sentido, pelo que se torna desnecessária a criação de qualquer corpo de polícia. Basta que receba instruções de quem de direito, para tal fim, e que a sua acção não seja inutilizada por quem tenha obrigação de lhe dar todo o apoio na repressão de tais transgressões.

— Porque razão não se executa aquilo que elas deliberam, desde que há, como dizem, umas posturas municipais?

Em abusos, infelizmente, somos bastante pródigos. O espírito de complacência que tem orientado todas as edilidades, longe de granjear aplausos, inspira censuras, e censuras bem merecidas. É sabido que a transigência demasiada é contraproducente.

Ninguém ignora que o desrespeito é tanto mais difícil de corrigir, quanto mais arraigado no íntimo dos povos.

Não é, por conseguinte, com esta excessiva e tradicional benevolência que Espinho conseguirá deixar de exibir as lixeiras públicas, os cães vadios, os terrenos sem vedação e tantas e tantas outras mazelas... que são, por assim dizer, o florido bouquet das chagas que possui!

«D. E.», de 28 de Maio de 1933 — N.º 62



O surgir das histórias de aventuras — TARZAN e TINTIN

1— Nos Estados Unidos, em 1929, a super-produção industrial, uma venda a crédito eufórica e uma especulação desenfreada originam um grande «craac» da bolsa de Nova-Iorque seguido dum vaga de falência, suicídios e desemprego que se estende até à Europa. As pessoas necessitavam de se libertar das preocupações, dos desaires, que a grande depressão económica originou, actuando a banda desenhada, como os outros meios de comunicação para a prossecução de tal libertação; até as histórias aos quadrinhos eram sátiras da vida quotidiana não existindo ainda as histórias de aventuras. Seguindo esta tendência de criar algo irreal que não lembrasse aos leitores o seu dia a dia, surgiu a primeira aventura de ficção científica «Buck Rogers» de P. Nowlan (texto) e Dick Colkins (desenho). A par desta banda desenhada, surge outra, com o mesmo teor despreocupante, baseada numa obra de Edgar R. Burroughs «Tarzan dos Macacos» que é transportada para o desenho pela mão dum artista publicitário, Harold Foster (mais tarde criador de «Príncipe Valente»).

2— Com estas duas bandas desenhadas os sindicatos começam a fazer apelo; cada vez mais, à colaboração

dum argumentista e dum desenhador. Até aí o desenhador desenrolava os seus «gags» sem se preocupar com uma continuidade ou uma organização dramática da história. A partir deste momento é necessário uma planificação, modo de desenhar, de contar, que inspire realismo. Foster dá às suas obras um realismo, até aí inexistente, e utiliza técnicas cinematográficas (grande plano, plano de conjunto, etc.) tentando que a nova forma de linguagem em imagens desse a impressão de movimento, dum panorâmica ininterrupta.

Como H. Foster fosse absorvido pelo seu trabalho em publicidade, Tarzan passaria temporariamente a ser desenhado por Rex Mason.

3— Pelo contrário em França, no início dos anos trinta, a banda desenhada ainda não tinha sofrido a evolução ocorrida no continente americano e as publicações juvenis, muitas delas pertencentes à imprensa católica, eram imbuídas dum conteúdo moralizador. A Bélgica segue uma via paralela e é no suplemento semanal do «XX^e siècle» que Hergé começa a publicação de «Tintin no país dos Soviéticos». Hergé, antigo escuteiro e influenciado pelo ambiente do jornal em que trabalhava,

traduz nesta obra o espírito conservador da velha Europa. Na obra seguinte, «Tintin no Congo», continua-se a notar o mesmo espírito moralista e uma influência do folclore descrito nos filmes de aventuras exóticas, nesse tempo em exibição. Hergé está no mesmo plano do seu público, tem os mesmos gostos, os mesmos ideais, indo ao encontro das tendências da época. As histórias de Tintin evoluíram, aparecendo uma galeria de personagens características encabeçadas pelo famosíssimo Capitão Haddock, considerado por muitos como a figura principal, visto ser mais humano, menos herói perfeito e moralista, mais perto da realidade, Tintin corre diversas regiões, contacta com diversas raças, com diversas ideologias, continuando Hergé mais racio-

nal e discreto, a reflectir um certo espírito conservador, apesar de criticar certos tipos de política (a partir de Lotus Azul), certos defeitos da humanidade, certas situações características do espírito viciado da nossa sociedade. Enfim, certas discussões se levantam acerca das intenções de Hergé, não se conseguindo, como é natural, chegar a qualquer conclusão.

4— A banda desenhada evoluirá na sua técnica, os autores aperfeiçoarão o seu estilo e cada vez mais se influenciarão as pessoas, dum modo positivo ou negativo, como adiante veremos com o surgir de novas correntes, de novos autores.

M. G.

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Comissão de Turismo

ESPINHO